

ENTREVISTA: “Fazendo Mundos Possíveis: Construções da Soberania Popular com a Força da Terra, com Selma Santos e Joelson Ferreira”

*Making Possible Worlds: Building Popular Sovereignty through the Power of the Land,
with Selma Santos and Joelson Ferreira*

Bianca Zacarias França¹

Guilherme Eugênio Moreira²

Joyce Delfim³

Joelson Ferreira⁴

Selma Santos⁵

Esta entrevista, intitulada “Fazendo Mundos Possíveis: Construções da Soberania Popular com a Força da Terra”, oferece uma profunda reflexão sobre a relação vital entre os povos e a terra, em um contexto de urgências contemporâneas, como catástrofes climáticas, desastres socioambientais e investidas antidemocráticas. A discussão se aprofunda na busca por inspirações para responder e se mobilizar frente a essas forças

¹ Doutoranda em Antropologia Social, mestra em Antropologia Social e Bacharela e licenciada em Ciências Sociais/Sociologia pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Especialista Internacional em Estudos Afro-Latinoamericanos e Caribenhos pela Sede Acadêmica no Brasil da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso) e pelo Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais (Clacso). Membro do LEAR/UFMG – Laboratório de Etnografia e Antropologia das Religiões. Lattes: [//lattes.cnpq.br/5432359677776795](http://lattes.cnpq.br/5432359677776795). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2376-368X>. E-mail: biancnazfranca@hotmail.com.

² Doutor e mestre em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense. Cientista social pela Universidade Federal de Minas Gerais. Pesquisador nas áreas de inteligência territorial, patrimônio cultural e epistemologia das ciências humanas. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5262664570473539>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8177-044X>. E-mail: guilhermegem@gmail.com.

³ Mestre em Estudos Avançados em História da Arte pela Universidade de Salamanca, doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFBA, integra o Grupo de Pesquisa Balaio Fantasma. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4585778764190919>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-5975-3725>. E-mail: joycedelfim@gmail.com.

⁴ Agricultor do Assentamento Terra Vista, em Arataca; fundador da Teia dos Povos, uma articulação de comunidades, territórios, povos e organizações políticas, rurais e urbanas.

⁵ Educadora popular, quilombola do Quilombo Engenho da Ponte, em Cachoeira; integrante do Conselho Quilombola da Bacia e Vale do Iguape e da Reserva Extrativista Marinha da Baía do Iguape, em Maragogipe.



ENTREVISTA: “Fazendo Mundos Possíveis: Construções da Soberania Popular com a Força da Terra, com Selma Santos e Joelson Ferreira”

Bianca França, Gabriel Moreira, Joyce Delfim, Joelson Ferreira & Selma Santos

mortíferas que promovem uma falsa promessa de progresso e causam a destruição do Brasil, da América Latina e do mundo. Entretanto, mais do que apenas anunciantes de fins catastróficos, trazemos, assim como em todo o dossiê, intervenções coletivas e propositivas. O objetivo é propiciar um momento de trocas que exceda os regimes coloniais, modernos e desenvolvimentistas, apontando para a tecelagem de alianças e o compartilhamento de experiências como formas criativas de imaginar “mundos múltiplos”.

A conversa foi conduzida por integrantes do grupo de estudos *Colaborações para Além do Fim*, formado por Bianca Zacarias França, Guilherme Eugênio e Joyce Delfim — antropólogas e historiadora da arte — interessado/as em estabelecer espaços de colaboração que nos ajudem a pensar nas potências dos ativismos, da arte e das humanidades para além do fim do mundo, tanto nas produções de conhecimento acadêmico quanto nos saberes para a vida. Iniciado no equinócio de outono de 2020, o grupo busca dialogar com autoras que se propõem a imaginar saídas criativas para a vida entre catástrofes, distopias e colapsos. A conversa traz a perspectiva de Selma Santos - educadora popular, quilombola do Quilombo Engenho da Ponte, em Cachoeira, integrante do Conselho Quilombola da Bacia e Vale do Iguape e da Reserva Extrativista Marinha da Baía do Iguape, em Maragogipe; e Joelson Ferreira, agricultor do Assentamento Terra Vista, em Arataca, fundador da Teia dos Povos, uma articulação de comunidades, territórios, povos e organizações políticas, rurais e urbanas. Ao longo da transcrição, são explorados tópicos cruciais, como o significado multifacetado e sagrado da terra – que transcende a materialidade para ser ancestralidade, força e poder, em contraposição à visão colonialista de mercadoria. Os entrevistados detalham as lutas travadas em seus territórios contra grandes empreendimentos, o agronegócio e governos fascistas, defendendo a terra como espaço de vida, sustento e rituais. Além disso, a entrevista aborda as estratégias de resistência coletiva e organização, a importância da soberania alimentar através de sistemas agroflorestais biodiversos e do empreendedorismo comunitário de jovens, bem como o papel central da ancestralidade e da espiritualidade



ENTREVISTA: “Fazendo Mundos Possíveis: Construções da Soberania Popular com a Força da Terra, com Selma Santos e Joelson Ferreira”

Bianca França, Gabriel Moreira, Joyce Delfim, Joelson Ferreira & Selma Santos

como pilares que inspiram e fortalecem essas lutas contínuas por um futuro mais justo e abundante.

Esta entrevista é uma adaptação da segunda edição da roda de prosa *Fazendo Mundos Possíveis: Construções da Soberania Popular com a Força da Terra*, que integrou a programação do congresso dos 75 anos da Universidade Federal da Bahia (UFBA), realizado em 2021. Originalmente, a roda foi transmitida pelo YouTube da TV UFBA. Como sentir, pensar e agir em tempos de catástrofes climáticas e humanitárias, desastres socioambientais envolvendo grandes empreendimentos e pandemias? O contexto contemporâneo nos urge a tecer alianças para enfrentar velhas problemáticas que se desdobram sob novas formas. Ouvir e partilhar experiências pode inspirar possibilidades criativas de abertura para mundos múltiplos:

Selma Santos: Olá, salve, salve a todos, todas e todes. É um prazer participar dessa roda de prosa com Joelson da Teia dos Povos. É um prazer conhecê-los, mesmo pelas telinhas, Guilherme, Joyce, Bianca. Eu sou Selma Santos, sou da comunidade quilombola de Engenho da Ponte, mulher preta. Sou do Conselho Quilombola da Bacia do Vale do Iguape, sou do Núcleo de Mulheres Maria Felipa da Bacia do Vale do Iguape e também do Conselho Deliberativo da Reserva Extrativista Marinha da Baía do Iguape. Componho também o Núcleo de Desenvolvimento do Território do Recôncavo e hoje estou coordenadora de um coletivo de jovens empreendedores do quilombo do Engenho da Ponte da minha comunidade, colocando a força jovem para caminhar junto com os nossos. A gente entende que os jovens também precisam ocupar os espaços, até mesmo porque os nossos, eles passaram, ao longo do tempo, fazendo a história, construindo as histórias e, alguns se foram, mas deixaram o legado para que os jovens possam caminhar. Então, eu estou nessa luta também com os jovens, fazendo eles transformarem um mundo melhor. Sou umbandista e saudando a quarta-feira, o 8 de dezembro, em homenagem à Nossa Senhora da Conceição, Oxum no candomblé, a minha mãe Iansã pelo mês de dezembro. Licença, licença e o meu agô.



ENTREVISTA: “Fazendo Mundos Possíveis: Construções da Soberania Popular com a Força da Terra, com Selma Santos e Joelson Ferreira”

Bianca França, Gabriel Moreira, Joyce Delfim, Joelsoñ Ferreira & Selma Santos

Joelson Ferreira: Em primeiro lugar gostaria de agradecer essa oportunidade de a gente dialogar. Eu acho que vai ser um debate importantíssimo. Saudar todos e todas que estão aí na roda, graças, maioria mulheres. Isso é bom, não é? Já começa com uma coisa boa. Dizer que a gente está nessa luta há 42 anos já. Eu saí de Nova Alegria para estudar em Guaratinga. De Guaratinga fui para São Paulo. De São Paulo voltei e me embrenhei no MST, em 1988, e estou hoje morando há 30 anos no assentamento, forjado pela luta do MST no sul da Bahia. Então, toda a minha trajetória é uma trajetória de luta, de rebeldia. E agora, diante desse pandemônio [se referindo à pandemia de COVID-19], desse sofrimento todo, a gente já vem trabalhando e entendendo que esse momento é o momento para começar a renovar os nossos votos, tanto de luta como de esperança, porque não dá para ficarmos reféns da morte nem reféns desses fascistas que estão aí. É preciso que a gente retome nossos processos, retome a nossa luta, porque só quem vai salvar a gente é o povo e a luta do povo. Não tem outra alternativa pra gente. Nesse sentido, hoje eu faço parte da Teia dos Povos há 10 anos. Tomei uma decisão também meio radical que foi sair da direção nacional do MST. Sair das instâncias e voltar para casa em 2007. A partir disso, começamos a construir a Teia dos Povos, que é uma articulação dos povos no sentido de a gente construir uma aliança índia, negra e popular. Nós entendemos que, se nós não construirmos essa aliança estratégica, não vamos a lugar nenhum, porque o problema hoje dos povos originários, não tem solução só com os povos originários. O problema dos quilombos e do povo preto não tem saída só com o povo preto. A saída dos estudantes e professores que estão nessa enrascada de destruição da universidade, sozinhos não vão vencer. A luta dos operários, dos camponeses e de todo mundo não vai ser um grupinho sozinho que vai dar conta disso. É preciso construir uma aliança estratégica forte e garantir uma discussão que é muito importante, que é essa questão da luta por terra e por território. Esse é o princípio de tudo, é o princípio do poder. Se a gente não entender isso... principalmente o povo preto. Os povos originários nunca abandonaram isso. Eles sabem que a luta por terra e território é a luta da vida deles. Eles nunca abandonaram. Nós, o povo preto, meio que vacilamos um pouco e não assumimos esse processo. Hoje, nós



ENTREVISTA: “Fazendo Mundos Possíveis: Construções da Soberania Popular com a Força da Terra, com Selma Santos e Joelson Ferreira”

Bianca França, Gabriel Moreira, Joyce Delfim, Joelson Ferreira & Selma Santos

estamos cercados nas grandes capitais, nos grandes centros urbanos, pelos aparatos de repressão dos governos estaduais, dos governos federal e de todo mundo. A matança do povo preto e os presídios em que o povo preto está hoje é uma situação lamentável, mas eu acredito que tem solução, tem saída, e nós precisamos construir essa grande aliança. Então, basicamente, é isso. Estamos na luta e vamos travar aqui um bom debate.

Bianca França: Pessoal, para dar sequência aqui na nossa mesa, na nossa conversa, eu ia pedir para vocês comentarem um pouco do que é terra para cada um. Quando a gente fala de terra, o que está sendo mobilizado junto dessa palavra? Porque a terra pode ser, pode querer dizer muita coisa. Pode ser: a terra território para o assentamento, para o quilombo, para a reserva extrativista, a terra vermelha do terreiro, a terra barro que faz cerâmica, a terra mangue, a terra da água dos mariscos. Então, o que vem junto quando a gente pensa em terra? Qual é a força que essa terra mobiliza? Aí, se Selma quiser responder e depois Joelson ou vice-versa também.

S. S.: Para mim, a palavra terra vem de uma força muito grande, que é a força dos nossos ancestrais, a força da nossa sobrevivência. Porque, sem a terra, a gente não consegue, na verdade, sobreviver. Sem a terra, a gente não consegue plantar. Sem a terra, a gente não consegue criar. Sem a terra, a gente não consegue, na verdade, tirar o nosso sustento, o nosso sobreviver está na terra. Se a gente que vive nas comunidades, ou seja, nas comunidades quilombolas, nas comunidades pesqueiras, não tiver a terra, não consegue trazer esse elemento de coisa, esse conjunto para que a gente possa sobreviver. Então, a gente vive ameaçado. Essa é a verdade. Às vezes, a gente consegue sobreviver pela nossa força, pela nossa luta, pela nossa construção coletiva. Joelson acabou de dizer que para a gente construir, precisa, na verdade, estar todo mundo em coletivo para conseguir algo. E assim a gente consegue. A gente vive em um território, de certa forma, ameaçado pela questão da terra. Ao longo de 500 anos, os nossos, para conseguir cultivar a terra, para conseguir ter tirado do seu sustento, precisavam de fato cultivar a terra, ou seja, roçar,



ENTREVISTA: “Fazendo Mundos Possíveis: Construções da Soberania Popular com a Força da Terra, com Selma Santos e Joelson Ferreira”

Bianca França, Gabriel Moreira, Joyce Delfim, Joelson Ferreira & Selma Santos

queimar, fazer, como chamavam os nossos antepassados, *govará*, cavar para plantar, para tirar o seu sustento. E, com isso, eles viviam, na verdade, ameaçados, porque muitas das vezes não conseguiam fazer isso, porque os seus senhores não aceitavam que fizessem isso em uma terra que de fato era deles por direito. Muitos deles se foram, derramaram seu suor nessa terra. Foram-se e não conseguiram ter o direito nem mesmo de plantar dignamente para poder tirar o seu sustento. Para a gente, hoje, que resiste dentro dessas comunidades, que resiste em cima dessas terras, é sagrada. Porque a gente tenta, da maior forma, mesmo sabendo que existe uma série de governos fascistas, que querem a todo momento nos tomar todos os direitos que nos foram negados, resistir nesses espaços, resistir nessas terras, lutando para que de fato seja um espaço sagrado. É um espaço sagrado nosso, porque ali nós plantamos, nós cultivamos, nós colhemos e tiramos nosso sustento. Não é fácil, porque a gente a todo momento vive em forma de ameaça. Quando a gente não vive em forma de ameaça com fazendeiro, a gente vive em forma de ameaça com o próprio sistema do governo. Hoje, a gente dentro das comunidades quilombolas do Recôncavo aqui no Vale do Iguape, Cachoeira, não tem uma certa dificuldade em relação a fazendeiro, porque a gente identifica e a gente entende que esse território é nosso. A gente tem um reconhecimento. A gente não tem o título, porque o governo, esse governo fascista, que não nos representa em momento nenhum, quer tirar o direito do negro, do preto, do quilombola. Mas a gente tem o reconhecimento e, por isso, resiste. A gente entende que a terra é um espaço sagrado para nossas oferendas, para os nossos rituais e, a todo momento, a gente defende nossos territórios. Eu costumo dizer que a luta, ela é árdua, mas que a gente não desiste nunca. Porque persistir sempre, desistir, desistir jamais. E, assim, a terra para mim é um espaço muito sagrado. Primeiro, porque hoje eu tô com 42 anos e meus avós, minha mãe... meu pai me criou nessa terra e eu continuo nessa terra onde eu nasci, onde eu me criei, onde criei meus dois filhos. Eles saem, fazem faculdade fora, mas retornam para a comunidade. Eu continuo na comunidade estudando, fazendo um trabalho. É dessa terra que eu sobrevivo e que me fortalece com a força dos meus ancestrais, dos meus mais velhos.



ENTREVISTA: “Fazendo Mundos Possíveis: Construções da Soberania Popular com a Força da Terra, com Selma Santos e Joelson Ferreira”

Bianca França, Gabriel Moreira, Joyce Delfim, Joelson Ferreira & Selma Santos

J. F.: A terra para nós é sagrada. Ela é poder, ela é força, ela é tudo. Para nós, a terra é algo extraordinário. Eu sou envolvido com essa discussão da terra desde as minhas duas avós. Elas perderam a terra em dois caxixes que fizeram. Quando meus dois avôs morreram. Um morreu... naquela época, falava *estopô*. Hoje é choque térmico. Então, ele morreu queimando uma coivara, passou no rio, deu um choque térmico e morreu. E o outro morreu com uma picada de um pico de jaca, uma cobra grande que tem aqui na região. E minhas duas avós perderam a terra depois que meus dois avôs morreram de caxixe. Todos dois pela dívida dos funerais deles, dos funerais dos meus avôs. Minhas avós perderam a terra, mas minha avó materna, Isabel, era uma negra muito forte e pegou os filhos todos e rumou - com pouco dinheiro que tinha - para Guaratinga e lá comprou um pedaço de terra. Minha avó paterna não teve a mesma sorte. Foi obrigada a se tornar engomadeira do coronel Misael Tavares lá em Itabuna. E meu pai, com 12 anos, começou a ser contratista e depois venderam esses contratos, juntou mais os dois irmãos e comprou também uma terra em Nova Alegria. Nessa trajetória, meu pai conheceu minha mãe, que era filha de dona Isabel, e se casaram. Então, minha luta por terra, a saga do meu povo por terra, é muito grande. Eu tenho uma relação muito profunda. E, em 1986, eu voltei de São Paulo - em dezembro de 86 - e fiz um firmamento com minha mãe de que eu não iria trabalhar nunca mais de empregado, nem seria mais escravo. Minha mãe perguntou: “Como é que você vai viver, meu filho?”. Respondi “como a cigarra e a formiga?”. E aí eu encontrei o MST, em 1988, e comecei a luta por terra na Bahia. A primeira ocupação de terra que nós fizemos foi lá em Itamaraju, em uma fazenda - Bela Vista. Andei essa Bahia toda. Fiz parte da direção estadual, da coordenação nacional, da direção nacional do MST e fui aperfeiçoando esse trabalho de luta por terra. Temos uns anos da quebradeira do Banco Econômico. Nós aproveitamos, tomamos um bocado de terra de Ângelo Calmon de Sá, que é da família que mais matou e mais escravizou negros. Nós fizemos a ofensiva e tomamos muitas terras dele. Em 1992, nós ocupamos, no coração do cacau, o Assentamento Terra Vista... que hoje é Terra Vista, mas era a fazenda Bela Vista. Foi uma luta muito dura. Sofremos cinco despejos, certo? Em 1994, nós conseguimos a emissão de posse dessa



ENTREVISTA: “Fazendo Mundos Possíveis: Construções da Soberania Popular com a Força da Terra, com Selma Santos e Joelson Ferreira”

Bianca França, Gabriel Moreira, Joyce Delfim, Joelson Ferreira & Selma Santos

área. Então, tô aqui há 30 anos, trabalhando essa terra, fazendo transição agroecológica. E, como eu disse, em 2007, eu saí das instâncias do MST e voltei para casa, voltei pro assentamento Terra Vista para dar continuidade ao processo que a gente tinha começado em 2000, que é a transição agroecológica. Então, hoje eu estou muito realizado, muito feliz. Recentemente, a gente escreveu um livro sobre terra, território e a revolução dos povos. A terra para nós tem um significado muito grande, é ancestral, como disse a companheira, ela é sagrada. Ela é também parte de um outro processo que é a água. Água e terra, para nós, é tudo na vida. Sem elas não tem nada. Então, a terra, a água, a floresta, as folhas, tudo é importantíssimo para nós. Nós temos um amor muito grande pela terra e acreditamos que, para resolver o problema do Brasil hoje, é preciso que uma grande parte da população que está desterritorializada volte à terra e busque a terra para salvar essa humanidade que está perdida nos grandes centros urbanos.

B. F.: Antes de Joyce passar para a próxima pergunta, eu só queria comentar que foi muito importante ouvir o que vocês estão falando, porque também sou umbandista e, na verdade, terra é orixá também, falando de ancestralidade. Terra é Onilé, terra é a terra mãe de toda a base, de toda a vida. E, para além de ser o território, como uma pessoa individual, ela é sempre coletiva. Então a morte de uma pessoa muitas vezes está implicada na morte coletiva de um saber. A ocupação... e você falou uma palavra tão importante, Joelson, essa questão da desterritorialização. O Nego Bispo fala muito disso: muitas vezes um deus de um certo cristianismo exclusivista desterritorializa as pessoas de seu território. Expulsa as pessoas de seus paraísos, vamos dizer assim. Então, a fala de vocês é muito importante nesse sentido de recuperar uma terra para além do que a gente possa pensar no material. Uma terra ancestral mesmo, que é povoada não só por humanos, mas mais que humanos também. Outras formas de vida.

Joyce Delfim: A nossa outra pergunta vem muito no sentido do que a gente já tá conversando, pensando como que é esse entendimento de terra que vocês colocaram nas



ENTREVISTA: “Fazendo Mundos Possíveis: Construções da Soberania Popular com a Força da Terra, com Selma Santos e Joelson Ferreira”

Bianca França, Gabriel Moreira, Joyce Delfim, Joelson Ferreira & Selma Santos

respostas. Essa terra que é coletiva, que é de uso comum, da terra também para além dessa materialidade. Pensando essa terra espiritual, essa terra ancestral, são perspectivas e entendimentos sobre terra que se chocam com a ideia que se tem de terra dentro do regime colonialista, do regime moderno, do extrativismo industrial, do agronegócio, enfim, dos governos fascistas. É uma rede que tenta manter uma ideia de terra que, na verdade, se choca e entra em conflito com tudo que vocês colocaram até aqui. Então, na verdade, a gente pensa o contrário, que essa perspectiva de terra que a gente está defendendo, essa perspectiva múltipla, tensiona e abala esse regime da monocultura. E a gente queria ouvir um pouco de vocês sobre as lutas que são travadas nos territórios de onde vocês falam. Eu sou moradora de Cachoeira também. Eu sei que as lutas que são travadas pelas comunidades da Bacia e do Vale do Iguape são diversas, contra distintas empresas, contra o governo, enfim, são muitos empreendimentos tentando ameaçar esse território. A gente queria saber dessa luta, de seguir vivendo nessas terras e nesses territórios, apesar dessas disputas e apesar dos conflitos. Também queria ouvir sobre quais são as estratégias, quais são as redes mobilizadas nessa luta atuada por vocês, quem são os parceiros. Pensando também com a ideia de teia que a Teia dos Povos propõe, essa ideia de rede que a gente acha fundamental. Fundamental também para pensar o futuro, para pensar as construções que a gente quer ver por aí.

J. F.: Essa questão de trabalhar a questão da terra é ancestral. De uma ancestralidade infinita. Primeiro, nós fomos os últimos a chegar na terra, nós ser humano. Aqui, já tinham outras vidas civiladíssimas, da maneira que a gente vê a questão da terra. Hoje, estão falando de civilização, mas é uma civilização de destruição. É uma civilização que vê a terra como mercadoria, vê a terra como ganância, vê a terra como uma forma de destruir, a terra para construir... não sei o que que eles querem construir. Porque a terra hoje tá vivendo um problema que diz respeito a 90% da humanidade, não é? É só 10% que vê a terra com essa destruição toda e com essa forma de exploração da terra. No Brasil e no mundo, você vai para Índia, você vai para tudo quanto é lugar, você encontra essa



ENTREVISTA: “Fazendo Mundos Possíveis: Construções da Soberania Popular com a Força da Terra, com Selma Santos e Joelson Ferreira”

Bianca França, Gabriel Moreira, Joyce Delfim, Joelson Ferreira & Selma Santos

destruição da terra. Da forma como os povos originários veem a terra, eles veem que a terra é a mãe. A terra é uma força que precisa ser cuidada, ser respeitada, ter reverência a essa mãe. Então, a terra é uma força sem precedentes, mas hoje a humanidade não está enxergando esse poder. Vou dar um exemplo simples. A Chapada Diamantina é uma região extraordinária que está sendo destruída pela mineração e pelos ruralistas. Não apenas a Chapada, mas também o modo de vida do povo da Chapada, dos quilombolas, dos indígenas, dos povos que vivem lá. Também está destruindo a água de Salvador. Eu não sei como Salvador vai viver com a água envenenada ou com falta de água com todo o processo de destruição da Chapada Diamantina. Nas cosmovisões indígena e banto, da diáspora africana, a terra é sagrada. A terra não pode sofrer essas intervenções e tampouco é mercadoria. Eu não me permito mais ficar falando mal do agronegócio, porque não adianta, a gente precisa falar com os nossos: como vamos sobreviver sem água e sem terra? Não há possibilidade para 90% da humanidade. Nós precisamos começar a construir essa aliança que a gente está clamando por terra e território, que é o princípio de tudo. A próxima questão é: como vamos nos apropriar da nossa alimentação? Até os anos 1930, não havia fome no Brasil. A fome veio depois que a população saiu do campo para a cidade. Eles estão vindo, agora, recolonizar para tirar tudo que tem na terra: toda a riqueza, todo o ouro, todo o minério. Na visão indígena, estão mexendo com forças espirituais muito grandes. Estão destruindo o nosso habitat, o nosso lugar que a natureza preservou e cuidou com todo carinho para que a gente pudesse ter uma morada digna. Até 1500, aqui era um paraíso, quando os povos originários aqui estavam e cuidavam dessa terra. Depois da chegada dos portugueses, veio essa devoração, essa destruição da nossa mãe terra. A única forma de tentar reverter esse quadro é convocando os povos da terra. Os povos originários já estão em luta desde o princípio, nunca abandonaram a luta pela terra. Nós precisamos agora chamar o povo preto, o povo da periferia, o povo que está nas universidades, o povo que está nas escolas, para que a gente comece a repensar o sentido da terra. Nós precisamos nos reconectar com a nossa mãe. Nós precisamos fazer um pedido de desculpas ou perdão para nos reconciliarmos com a nossa mãe. Não tem



ENTREVISTA: “Fazendo Mundos Possíveis: Construções da Soberania Popular com a Força da Terra, com Selma Santos e Joelson Ferreira”

Bianca França, Gabriel Moreira, Joyce Delfim, Joelson Ferreira & Selma Santos

mais sentido a situação que nós estamos. A maioria da população mora nos grandes centros urbanos em situação de miséria, de fome, de mortalidade, de doenças. Nós somos o único país do mundo que tem terras grandiosas e a nossa população é pequena em comparação a outros países. Por exemplo, a terra agricultável da China é do mesmo tamanho do Brasil, mas a China tem 1 bilhão e 400 milhões de pessoas. Nós temos quase 300 milhões no Brasil, mas a quantidade de terra é enorme. Tem gente aí com terra do tamanho da Suíça e vem querendo invadir as terras indígenas para destruir, tirar o ouro e o minério, a riqueza que tem nessas terras. Os ricos já encontraram o caminho, eles podem ir para Marte. A burguesia brasileira, aqui já encontrou o caminho, pode ir para a Disney, pode ir para Miami, pode ir para outros lugares. Agora, nós não temos outro lugar para ir. Para mim e vários companheiros e companheiras, a única solução para sair dessa miséria foi a luta pela terra. É preciso construir uma aliança por terra e território para que a gente possa fazer uma revolução grandiosa de baixo para cima. Nós estamos falando de uma revolução dos povos, daqueles que cuidam da terra. Vamos buscar a ancestralidade dos povos, pois está tudo guardado, memorizado, é preciso relembrar só isso. A espiritualidade é muito importante para reconstruirmos um reino aqui na terra. Se nós não fizermos isso, ninguém vai fazer por nós. É necessário fazer alianças, buscar a unidade, deixar as pequenas coisas de lado e ver o que nos une. O que nos une é a terra, é o território, é a água, é a natureza. A partir disso, nós podemos construir a soberania alimentar, podemos construir outro trabalho para a liberdade, podemos aprender a conviver com os outros seres que vieram antes de nós, muito mais sábios que nós: as formigas, os passarinhos, tudo pode nos ajudar. Eu estou construindo dez hectares de sistemas agroflorestais. Os passarinhos, os morcegos estão me ajudando, estão plantando. Tem árvores plantadas por esses animais. Quando gostam de uma fruta, eles semeiam. Muitas vezes nós não temos esse entendimento quando estamos em uma vida urbanoide. Nós temos um plano aqui, na Teia dos Povos, para a Mata Atlântica que, em 24 anos, estaremos trilionários. A riqueza que nós buscamos não é riqueza monetária, é riqueza do bem viver, da fartura, riqueza para compartilhar com os outros povos.



ENTREVISTA: “Fazendo Mundos Possíveis: Construções da Soberania Popular com a Força da Terra, com Selma Santos e Joelson Ferreira”

Bianca França, Gabriel Moreira, Joyce Delfim, Joelson Ferreira & Selma Santos

S. S.: Depois de ouvir o companheiro falar, parece que o nosso território está muito próximo, porque a realidade é muito próxima, mas é por conta do tema. A terra é sagrada para todos nós. Joelson colocou muito bem que a terra e a água são muito sagradas e a gente não consegue viver sem esses dois elementos. Nos nossos territórios, a gente vem passando, infelizmente, por situações de ameaça. Existem vários empreendimentos que vêm devastando nosso meio ambiente, nosso manguezal, nossos mariscos, as nossas espécies. Hoje, estou com 42 anos e foi do manguezal que minha avó criou minha mãe e minha mãe e meu pai me criaram. Hoje, a gente vê uma mãe ir para o manguezal e não conseguir trazer seu sustento para alimentar os filhos que ficam em casa esperando por conta dos impactos desses empreendimentos no manguezal, no rio, na terra. A Usina Hidrelétrica Pedra do Cavalo e o Estaleiro Enseada instalados no Rio Paraguaçu trazem impactos muito grandes para os municípios de Cachoeira, Maragogipe e São Félix. Há vários outros empreendimentos que dizem não causar impactos, mas a gente sabe que causam. A gente vem lutando, fazendo reuniões e mais reuniões no Conselho da Reserva Extrativista. Os empreendimentos vêm atuando, desde os anos 2000, sem o licenciamento ambiental dentro dessas comunidades. A gente senta, discute compensações, mas nada é feito. O mais difícil é perceber que esses empreendimentos são instalados com o aval dos governos que, na maioria das vezes, nós elegemos. O momento da pandemia de Covid-19 favoreceu o avanço dos grandes empreendimentos. Aproveitaram que não podíamos nos reunir presencialmente para implementar seus projetos. No meio da pandemia, eu participei com o pessoal da UFBA em discussões sobre um teste de calha que o governo iria fazer nas margens do Rio Paraguaçu. Para as comunidades, esse teste de calha iria terminar de acabar com nossa terra e o nosso manguezal, mas o governador iria sobrevoar a região para acompanhar o teste. Eu me pergunto: em quem podemos confiar se não nos nossos? Está lá um governo que a gente elegeu, mas o governo tem suas falhas. A gente ouve um ex-governador que está aí também na frente das eleições afirmar que a reabertura do Estaleiro Enseada vai trazer emprego para os municípios do Recôncavo baiano. Mas, não vai trazer emprego porque a gente sabe de onde tirar nosso sustento. É



ENTREVISTA: “Fazendo Mundos Possíveis: Construções da Soberania Popular com a Força da Terra, com Selma Santos e Joelson Ferreira”

Bianca França, Gabriel Moreira, Joyce Delfim, Joelson Ferreira & Selma Santos

justamente de onde está sendo ameaçado pela instalação desses empreendimentos. Os nossos mestres, que estão dentro das comunidades, sabem fazeres e não querem aprender a técnica que vem de longe, que vem trazida por outros. Eles querem catar o marisco, chegar em casa, ensacar, vender, para daí tirar seu sustento. Eu acho que a gente precisa chamar os políticos para a conversa já que quando autorizaram a chegada desses empreendimentos, não bateram na porta de cada agricultor, cada pescador, para de fato entender se causaria ou não impactos. Ainda tem os municípios que se agrupam para que esses empreendimentos cheguem. Dizem que vão trazer turismo náutico, turismo de base comunitária, mas a gente sabe que não vai trazer nada disso. As comunidades vêm sofrendo com uma coceira que a gente não sabe de onde vem. O pescador e a marisqueira vão para o manguezal e não conseguem mais vestir as roupas com as quais entraram no manguezal porque o corpo sai com muita coceira. Muitos acabam com doenças de pele. Mulheres com problemas ginecológicos, pois passam a maior parte do tempo agachadas mariscando. Essa é a realidade do Recôncavo, do Vale do Iguape. Eu falo sempre no Conselho Quilombola e no Conselho da Reserva Extrativista que a nossa luta é construtiva, é coletiva. A gente só consegue coletivamente porque não podemos contar com o governo fascista que quer, a todo momento, nos matar e nos calar. A gente precisa se reunir sem deixar que nossas organizações vivam em conflito uma com a outra. É por isso que corremos atrás de parceiros, como UFBA, UFRB, Teia dos Povos. É esse conjunto de parceiros que nos fortalecem para que a gente consiga alcançar o nosso objetivo, não desistir nunca e persistir sempre.

J.D.: Uma das participantes que está acompanhando nossa roda de prosa perguntou: como vocês veem os impactos da degradação de lugares sagrados para o povo das religiões afro-brasileiras nas cidades?

J.F.: Tudo isso tem a ver com o avanço do capital. A pressão habitacional e a ocupação desordenada, colocar muita gente para morar em um lugar, tudo isso está destruindo os



ENTREVISTA: “Fazendo Mundos Possíveis: Construções da Soberania Popular com a Força da Terra, com Selma Santos e Joelson Ferreira”

Bianca França, Gabriel Moreira, Joyce Delfim, Joelson Ferreira & Selma Santos

mananciais e as nascentes. É consequência de um projeto devastador que está em curso e, agora, se aprimora mais ainda. A companheira trouxe a situação dos manguezais. Se vocês analisarem a concentração de agrotóxicos que está sendo jogada na Chapada Diamantina e que desce para o rio, o rio que abastece Salvador, é uma quantidade absurda. Isso tem consequências para o rio, manguezais, fauna, flora, tudo. É preciso que a gente comece a entender. Isso tudo é consequência desta forma desordenada de como os governos vêm tratando esse desenvolvimento de que eles falam tanto e que é uma mentira. Não vai trazer emprego e abundância, vai trazer escassez e destruição. Concentra o PIB todo nesses locais e o povo começa a correr atrás do PIB. O PIB de Salvador e região metropolitana hoje é quase 80% do PIB da Bahia. Então, todo mundo quer morar em Salvador e na região metropolitana. Os governos, até hoje, inclusive os progressistas, não se deram conta de que não tem lugar para todo esse povo morar em Salvador. Não basta o prefeito querer transformar Salvador em uma metrópole importante. Esses dias eu estava na Avenida Paralela, em Salvador, e escrevi até um texto, que era *O Menino e o Cavalo Alazão*. Nós estávamos dentro de um carro de 300 cavalos, mas, num dia de chuva, andando a menos de 10 quilômetros no engarrafamento e um menino no seu cavalo alazão passou todos os carros. Então, para quê tanta ciência e tecnologia se nós estamos andando a menos de 10 quilômetros por hora? As carroças já corriam a mais de 20 quilômetros por hora. Foi muito desinvestimento feito em Salvador e todo mundo sabe disso. Não sou contra investimentos para melhorar a capital, mas foi tanto dinheiro colocado que não resolveu o problema, porque a cidade está superlotada e não tem mais espaço. Os rios foram todos cobertos por cimento, as pessoas não foram educadas para a preservação dos rios, jogam plástico, lixo. Além disso, os esgotos sanitários dessas áreas todas vão para dentro dos rios, chegam nas nascentes, vão para todos os lugares. Nós vamos viver uma situação insuportável dentro das grandes metrópoles, e Salvador está entre uma delas. São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, todas essas grandes capitais vão ter problemas gravíssimos logo. Já estamos tendo, e vai piorar. A população se concentrou nessas regiões, entregou as terras para o agronegócio. No lugar de



ENTREVISTA: “Fazendo Mundos Possíveis: Construções da Soberania Popular com a Força da Terra, com Selma Santos e Joelson Ferreira”

Bianca França, Gabriel Moreira, Joyce Delfim, Joelson Ferreira & Selma Santos

abundância, tudo que é produzido é mandado para o exterior. Então, é um descalabro que a gente precisa entender. E não tem outra forma: ou a gente se junta, ou se organiza, ou provavelmente é aquilo que eu disse: nós não temos mais espaço na terra, não temos mais espaço nas grandes capitais; e, com a tomada da terra pelo agronegócio, nós provavelmente também não vamos ter lugar na terra. Então, é preciso que a gente comece a entender essa problemática. E, entendo que nós estamos falando em pleno século XXI, quando não era para estarmos mais falando disso – sobre essa questão da conservação e do cuidado com a terra, com um outro modo de produção para alimentar e cuidar das pessoas. E não um modo de produção que está destruindo a terra, jogando uma série de agrotóxicos, que está destruindo as matas – tanto a mata ciliar como... eles não perdoam nenhuma – para plantar com máquinas, substituindo o homem por máquina, numa destruição total. E mentindo, dizendo que vai dar emprego. Todos esses empreendimentos, hoje, estão todos robotizados, alinhados com as máquinas, e não vai ter emprego para ninguém. Então, nós, o povo pobre, precisamos sair dessa ilusão de que um dia vamos ser escravos. Nem lugar para escravo vai ter mais. Então, nós precisamos assumir. Inclusive, lá nos Estados Unidos está tendo um movimento – que eu fiz lá em 1986 – que é o movimento do pessoal que não quer mais trabalhar. Um movimento muito importante que a gente precisa começar a entender. Nessa busca da fuga, nós temos que fugir dos grandes centros. Nessa fuga dos grandes centros, nós precisamos tomar essas posições: primeiro, de não ir trabalhar nesses trabalhos escravos, escrotos, que xingam, que desmoralizam, que a gente não ganha nada, volta para casa e não dá nem pra comprar cesta básica. Então, nós precisamos fazer o movimento de não trabalhar nessas condições de escravidão. E segundo, nós temos que fazer um grande movimento nos grandes centros e capitais – um movimento radical de volta à terra, de reocupar o nosso lugar, de onde a gente não deveria ter saído nunca. Conclamo o povo preto da Bahia: vamos tomar essas terras das usinas, que tanto massacraram nosso povo. Está na hora! Nós precisamos aquilombar, nos encontrar na terra, porque, senão, não tem outra saída pra nós, a não ser a matança, presídio, violência, fome e essas doenças brabas que estão acontecendo no



ENTREVISTA: “Fazendo Mundos Possíveis: Construções da Soberania Popular com a Força da Terra, com Selma Santos e Joelson Ferreira”

Bianca França, Gabriel Moreira, Joyce Delfim, Joelson Ferreira & Selma Santos

nosso meio. É preciso agir e tentar resolver os problemas por nós mesmos. Não adianta esperar por político ou por promessa, porque não tem saída.

B.F.: Eu acho que vocês trouxeram coisas muito relevantes, importantes, de uma espiritualidade que é totalmente política, engajada na luta pela terra, pela água, de uma natureza que não é apartada das pessoas. E talvez essa divisão, onde a gente se enxerga fora, seja o que causa tantas posturas irresponsáveis perante a ciência, esses grandes empreendimentos que não se responsabilizam frente ao que fazem e ao que produzem. Pensando na nossa próxima questão, a gente queria saber um pouco... A gente sabe que as lutas por terra não são algo que surgiu nesse momento, mas que temos uma memória ancestral vinculada a essa luta, que conhecemos toda uma tradição de organizações populares de longa data que resistiram ao capitalismo, ao colonialismo, mas que muitos movimentos políticos não consideram essa parte da história. Então, a gente queria saber de vocês: que outras experiências na história ou pessoas inspiraram vocês, inspiram a luta coletiva de vocês, essa luta que é antirracista, anticapitalista, feminista, e como essas lutas se encontram na luta pela terra?

S.S.: A minha luta veio dos meus ancestrais, porque eu costumo sempre dizer que tudo que faço hoje, eu faço pelos meus que já se foram. Eu me inspiro muito nos nossos mais velhos, que sempre tiveram esse momento de construção coletiva, de fazer tudo de forma coletiva. Se eles precisassem de um trabalho braçal, na roça, era um chamando o outro para fazer de forma coletiva. Eles não sabiam, na verdade, que já exerciam o espírito da coletividade, até mesmo porque não tiveram aquele momento ou espaços de formação para se encontrar e perceber que estavam fazendo algo para construir, mas sempre tiveram essa força coletiva. Então, eu me inspiro nessa força coletiva dos meus avós, bisavós, da minha mãe e do meu pai, de construir algo coletivo, participar de organização, porque a gente entende que, para conseguir algo, precisamos estar fortalecidos. Se tem vezes que a gente não consegue ir além nem estando junto, imagine separado. Também



ENTREVISTA: “Fazendo Mundos Possíveis: Construções da Soberania Popular com a Força da Terra, com Selma Santos e Joelson Ferreira”

Bianca França, Gabriel Moreira, Joyce Delfim, Joelson Ferreira & Selma Santos

me inspiro em alguns que ainda resistem, que são minhas fontes de inspiração: minha mãe, minha mãe espiritual, que a todo momento é uma líder espiritual e também comunitária. Ela me ajudou a chegar onde estou hoje, no espírito da coletividade, participando de várias frentes e espaços. São essas pessoas que me inspiram a estar nesse legado de reivindicar e lutar pela comunidade e pelo meu povo preto, que é meu lugar de fala.

J.F.: Nessa questão, do que a gente faz hoje, é justamente isso que a companheira falou. Ela tem uma ligação ancestral e espiritual. Essa luta pela terra não é de agora. Eu tive a sorte de entrar no movimento, no MST, que a gente estuda muito essa questão, as lutas que nos antecederam: a luta de Palmares, a República de Palmares, a Cabanagem, o Contestado no Sul, a luta do povo aqui da Bahia, de Antônio Conselheiro — mais de 30 mil camponeses, indígenas, vaqueiros, todo mundo se juntou e derrotou o Exército Brasileiro pela terceira vez (perderam na quarta) —, as Ligas Camponesas, a luta dos Farrapos, a Guerra do Paraguai. Também, a luta que nós fizemos aqui, juntando todo mundo, que é o 2 de julho — pouca gente consegue rememorar essa luta, para tirar, inclusive, lições de que fomos vitoriosos e, ao mesmo tempo, fomos derrotados. Tivemos o prazer de estudar e tirar lições de todas essas lutas do Brasil. Então, nossa luta é ancestral, ela tem uma longevidade muito grande e, pasme, muitas vezes a gente está conversando de lutas fora do Brasil, quando as nossas lutas foram muito mais longevas do que essas lutas que a gente tanto fala, como a Comuna de Paris, que falamos com um prazer imenso, em tese de mestrado, doutorado — e nós não conseguimos entender que Canudos foi importantíssimo para o Brasil, que a República Palmarina durou um tempo enorme, até mais que a própria Revolução Russa. Então, nós sempre ficamos buscando coisas de fora para ter exemplo, mas os exemplos estão aqui, exemplos vitoriosos, exemplos muito fortes de luta, nos quais a gente precisa se inspirar para retornarmos à radicalidade da luta pela terra e também entender essa questão ancestral e essa luta espiritual. E entender que é uma luta que está no mundo inteiro. Todos os lugares estão em guerra pela terra e



ENTREVISTA: “Fazendo Mundos Possíveis: Construções da Soberania Popular com a Força da Terra, com Selma Santos e Joelson Ferreira”

Bianca França, Gabriel Moreira, Joyce Delfim, Joelson Ferreira & Selma Santos

pelo território. Então, isso não é coisa nova, mas também é muito atual — é preciso entender isso. Estamos deixando isso para ninguém discutir, não estamos entendendo isso. Tivemos uma derrota muito grande na academia que parou de discutir essas coisas. Quero, inclusive, dar parabéns a vocês por estarem buscando esse tema, porque a academia, mesmo, abandonou essa luta. Chegou um pessoal aí de esquerda dizendo que essa luta por terra, por reforma agrária, é uma luta que chegou ao fim. E está se provando hoje que não, que ela está na ordem do dia. Se nós não assumirmos essa luta, vai acontecer o que aconteceu com o índio que matou posseiro, que matou grileiro, mas que o estrangeiro roubou seu lugar. Então, estamos numa situação dessas hoje e precisamos fazer uma força muito grande, uma aliança fortíssima para retomarmos essa questão da terra — e também na academia. Precisamos abrir um debate muito grande na academia para discutir sobre desenvolvimento e essa questão da terra. Qual é o desenvolvimento que nós queremos? É o da escassez, da destruição da nossa terra, do nosso povo? Ou é um desenvolvimento para a grandiosidade, para a fartura, para tomar conta e cuidar do nosso povo? Então, nós precisamos fazer essa opção. E, dentro da academia, acho que temos que abrir esse debate profundo, que tem muita gente que pensa que é careta, mas ele não é careta, não. Ele está na ordem do dia. E não é uma discussão de Jeca Tatu, como sempre fizeram falar aí. Tenho orgulho de estar morando no Assentamento Terra Vista e estar produzindo chocolate e soberania alimentar. Nós não temos mais ninguém analfabeto no assentamento, e estamos buscando um projeto de vida e desenvolvimento nosso, com as nossas forças, a nossa honradez. Então, é preciso voltar com essa discussão, inclusive na UFBA. Na USP, estamos abrindo uma discussão sobre isso. Recentemente tivemos um debate muito bom. Agora com vocês já é o segundo. Espero que a gente trabalhe... Os estudantes da UFBA, para vocês terem uma ideia, tiveram uma contribuição muito grande na construção da TEIA. Na primeira Jornada de Agroecologia, foram os estudantes da UFBA que vieram aqui nos fortalecer, nos ajudar, e criamos aqui a TEIA. O pessoal do NEPA, um grupo de estudantes que saiu daí. Então, estou falando que os estudantes precisam vir às aldeias, aos assentamentos, aos quilombos, vir aos territórios para ver



ENTREVISTA: “Fazendo Mundos Possíveis: Construções da Soberania Popular com a Força da Terra, com Selma Santos e Joelson Ferreira”

Bianca França, Gabriel Moreira, Joyce Delfim, Joelson Ferreira & Selma Santos

como anda a vida aqui, como podemos fazer um bom debate na universidade e como podemos nos apropriar do conhecimento da ciência para defender os nossos, para salvar os nossos, e não para levar o que é nosso para bem longe daqui, onde a gente já não vê mais nada. Então, é preciso assumir essa responsabilidade e tenho certeza que esses debates são importantíssimos para começar a desenvolver outro pensamento do século XXI. Em vez de esgotar nossas riquezas e destruir o nosso país, a gente precisa reconstruir o nosso país e deixar as nossas riquezas aqui conosco. Quem precisa estar milionário, trilionário, somos nós, para repartir com nosso povo todo que está aí com fome, sede, sede de justiça, com todas as sedes que nosso povo está passando.

J.D.: Maravilha, Joelson! Você já puxou o que eu gostaria de trazer para a nossa última pergunta, que pensamos juntos enquanto Grupo de Estudos. Vou trazer junto também uma pergunta da audiência, de Gilberto Carlos. Peço que, na resposta, já encaminhem para um fechamento. Joelson já trouxe esse questionamento de “Qual desenvolvimento nós queremos? Qual futuro é esse que nós queremos construir?” Esses futuros que se dão através da soberania popular, que está no título desta roda de prosa e que apareceu nas falas da Selma e do Joelson, também através da soberania alimentar, pensando a produção agroflorestal do Assentamento Terra Vista, na agricultura familiar, na pesca artesanal e na mariscagem das comunidades do Vale e da Bacia do Iguape. Então, nesse sentido, eu gostaria de pedir que vocês contassem desses trabalhos que são feitos por vocês enquanto coletivos, pedir também para Selma contar desse grupo de jovens empreendedores do Engenho da Ponte, trazer essas experiências que nos inspiram, são experiências para esse futuro que a gente quer construir, experiências no presente que estão construindo esse futuro. E, então, aproveito para trazer a pergunta de Gilberto Carlos, que foi direcionada ao Joelson: “Os sistemas agroflorestais são sistemas benéficos para a natureza, quais os tipos de agrofloresta vocês estão montando?”



ENTREVISTA: “Fazendo Mundos Possíveis: Construções da Soberania Popular com a Força da Terra, com Selma Santos e Joelson Ferreira”

Bianca França, Gabriel Moreira, Joyce Delfim, Joelson Ferreira & Selma Santos

J.F.: Primeiro, sobre a pergunta de como a gente está montando os sistemas agroflorestais. Nós quebramos porque vínhamos fazendo agricultura convencional, agricultura do agronegócio, e, em 1999, nós quebramos. Em 2000, a gente começou a entender que nós não cabíamos dentro do capitalismo. Nós não íamos ser recebidos dentro do capitalismo e tampouco íamos acessar o que muita gente falava pra nós sobre um nicho de mercado. Então, nós resolvemos romper com tudo isso e começamos com o primeiro trabalho nosso sobre soberania alimentar. Começamos a discutir a situação nossa de alimento e começamos a suspender os sistemas agroflorestais biodiversos. Então, graças a essa ação nossa, a partir de 2000, nós temos um assentamento com uma extraordinária recomposição florestal. Pra ter ideia: 92% da mata ciliar, nós recuperamos, 82% da nossa nascente, nós recuperamos. Hoje nós tomamos banho de água mineral, bebemos água mineral. Temos hoje uma grande quantidade de frutíferas aqui no nosso assentamento — açaí, graviola, cupuaçu, várias frutíferas. Foi feita uma pesquisa esses dias e nós estamos com os sistemas altamente biodiversos, um sistema extremamente equilibrado e com muita fartura. Então, nós superamos o dilema da fome, da soberania alimentar. Nós avançamos com esse sistema nosso. Estamos chegando a cinco salários mínimos por família. Estamos avançando nessa perspectiva e foi graças aos sistemas agroflorestais biodiversos que estamos implementando. Agora, estamos construindo a escola da prática, que são 10 hectares de sistemas agroflorestais biodiversos. Então, como eu já disse, até os passarinhos e os morcegos estão ajudando a replantar. Estamos dentro de um trabalho de, a cada dia, querer aperfeiçoar mais e buscar isso aí. Já temos uma renda para a juventude, que é a questão do chocolate orgânico. Já escrevemos um livro sobre esse espaço que nós estamos dando para a Teia, e estamos trabalhando dentro desses sistemas agroflorestais muito importantes. E, quanto à questão feita sobre o desenvolvimento que nós estamos construindo, nós estamos partindo de uma questão que nós precisamos resolver: a soberania alimentar e essa questão de trabalho e renda — que têm duas coisas importantes que temos que abraçar, e estamos abraçando. Uma é a questão das mulheres. Nós estamos trabalhando para que as mulheres tenham uma renda delas, para cada vez



ENTREVISTA: “Fazendo Mundos Possíveis: Construções da Soberania Popular com a Força da Terra, com Selma Santos e Joelson Ferreira”

Bianca França, Gabriel Moreira, Joyce Delfim, Joelson Ferreira & Selma Santos

mais ir buscando autonomia. A mesma coisa, é que nós queremos fazer uma transição da juventude. Então, estamos criando todo um trabalho para fazer uma mudança, para que ela tenha autonomia, possa acreditar na sua localidade. Trabalhamos com a questão de duas escolas: a escola fundamental 1 e 2, e a escola técnica. Já formamos a primeira turma de agrônomos e a primeira turma de especialistas em agroecologia. E o trabalho do chocolate é voltado para a juventude. Ou seja, nós estamos buscando vários caminhos para que as mulheres e a juventude se coloquem numa posição grandiosa e assumam as responsabilidades do comando do assentamento. Passamos a entender que, sozinhos, não vamos mudar nada. Podemos ser uma experiência bonita, tranquila, mas não vai resolver o nosso problema. Então, temos alianças com os povos indígenas — tanto os Tupinambás, como os Pataxó Hähähäe e os Pataxó. Todos os indígenas que estão próximos da gente, estamos construindo aliança. E até os que estão meio de longe — os Maxacali. Agora mesmo eu estava no Rio de Janeiro, no lugar onde foi feita a Confederação dos Tamoios, revendo os Caiçaras, discutindo pra formar essa grande aliança que estamos construindo. Nós acreditamos que nossa referência tem que ser um pontapé para que a gente possa espalhar referência em todo o Brasil. Estamos apresentando um projeto agora. Nós não discutimos nada de eleição, porque já sabemos como faz — é apertar o dedo na consciência que a gente acredita. Mas queremos discutir, e estamos discutindo com quem vem discutir conosco, um plano nosso de governo, um plano de trabalho pra gente avançar. Esse plano é recuperar 200 mil hectares de sistemas de cacau cabruca — o cacau que a gente tem, que é preciso revitalizar por causa da doença da vassoura de bruxa — e implantar 200 mil hectares de sistemas agroflorestais, para construir uma economia que, dentro de 24 anos, eu já disse, nós estaremos trilionários. E nós não só falamos: nós mostramos aqui no assentamento o que nós já fizemos — árvore de 25 anos, de 18, de 15, de 14 anos. Frutas à vontade. O chocolate. As mulheres estão fazendo óleos essenciais de primeira qualidade. Uma série de questões que nós estamos trabalhando aqui e mostrando que nós temos futuro. Essa questão das *plantas alimentícias não convencionais*, as PANC, são dos povos originários. E, essa alimentação de 300 e tantos alimentos, quem



ENTREVISTA: “Fazendo Mundos Possíveis: Construções da Soberania Popular com a Força da Terra, com Selma Santos e Joelson Ferreira”

Bianca França, Gabriel Moreira, Joyce Delfim, Joelson Ferreira & Selma Santos

fazia eram os povos originários, lutando com o povo preto que veio depois. Então, nós estamos apresentando que, através dos alimentos, através de uma economia para a liberdade, através da educação e da organização da juventude e das mulheres, nós podemos tocar um futuro, tanto para a Bahia, como para o Brasil. Nós acreditamos em nós mesmos. E nós vamos pra frente. Ainda acreditamos que a saída virá de nós. Não tem ninguém que vai encontrar a saída pra gente. Então, quando vem falar de ponte, nós queremos falar do projeto dos 400 mil hectares. Quando vem falar de outras besteiras grandiosas, que vão dar não sei quantos empregos, nossos 400 mil hectares dão 120 mil empregos diretos, fora a garantia das outras comunidades que temos aqui. Podemos alavancar com essa questão dos 400 mil hectares, mais de 300 mil empregos. Então, só para 32 famílias, é algo extraordinário. Não venham com essa conversa de lorota de desenvolvimento com empresas americanas, com empresas japonesas, com empresas da Coroa Britânica para destruir nosso país, que nós não comemos nada disso. Isso não é desenvolvimento para nós. Desenvolvimento é o nosso. Nós acreditamos no que temos há mais de 12 mil anos aqui, que o povo vem trabalhando isso aqui. E, até 1500, era um paraíso, que depois foi destruição total, e chegamos hoje. E eu estou aberto para a universidade, pra gente discutir, inclusive, avançar nessas questões. Porque tem muita gente que pensa que a ciência e a tecnologia foram o capitalismo que criou, mas foi a humanidade que criou. Os povos originários já vêm fazendo ciência e tecnologia há milhões de anos. O milho, a mandioca... todas essas coisas grandiosas que servem de alimento para nós, foram os povos originários que construíram com suas pesquisas empíricas e os seus trabalhos. Então, nós temos ciência, temos tecnologia, nós precisamos dialogar de igual pra igual para encontrar caminhos e soluções para o nosso Brasil e nosso povo brasileiro.

S.S.: Companheiro Joelson, essa experiência com os jovens me deixou muito entusiasmada, porque o coletivo de jovens está engatinhando ainda. É um sonho de muito tempo, porque aqui, nas comunidades, têm muitos jovens, e eu percebi que precisava



ENTREVISTA: “Fazendo Mundos Possíveis: Construções da Soberania Popular com a Força da Terra, com Selma Santos e Joelson Ferreira”

Bianca França, Gabriel Moreira, Joyce Delfim, Joelson Ferreira & Selma Santos

trabalhar com esse povo jovem, porque quando chega uma certa idade, a gente precisa trabalhar com a mente deles, porque a mente acaba ficando vazia. Então, eu comecei a trabalhar com eles e eles estão engatinhando. A nossa linha é produtiva. A gente está em processo de rotulagem dos produtos e a gente pretende trabalhar com os produtos das comunidades, como doce de goiaba, jenipapo, tamarindo, acerola — que tem muito nas comunidades. Além disso, várias plantas medicinais que servem tanto para chás como para alimento. Então, estamos nesse processo com eles. A gente ganhou um projeto agora pelo Sesi — um projeto pequeno, mas que será a partida para várias portas que estão se abrindo para esse coletivo. O coletivo de jovens não é uma organização com CNPJ, porque está nascendo agora. E a gente entende que uma organização, para ter CNPJ, precisa se autossustentar. E, a gente tem o Conselho Quilombola, que representa as 18 comunidades do Vale do Iguape e, foi através do Conselho Quilombola, que a gente conseguiu esse projeto pelo Sesi, para que a gente começasse a trabalhar com esse coletivo — que nasce também do Conselho Quilombola, porque alguns jovens são integrantes do Conselho Quilombola do Vale e Bacia do Iguape. Assim como existem outros núcleos, como é o grupo de mulheres Maria Felipa, do Vale do Iguape também, que nasce dentro do Conselho Quilombola, a partir da necessidade de as mulheres terem um momento só delas, para se reunir, conversar, colocar algo interno das mulheres, para não estar colocando ali dentro da reunião do conselho — que acontece de forma rotativa, cada mês em uma comunidade diferente. Esses núcleos todos nascem dentro do conselho quilombola da bacia e vale do Iguape. O conselho quilombola coloca sempre que ele é o pai de todos os núcleos. Veio caminhando com algumas associações também que tem dentro das comunidades. O núcleo de jovens empreendedores do Quilombo da Ponte é o filho mais novo do Conselho Quilombola da Bacia e Vale do Iguape. A gente está nesse processo de produção com as matérias primas das comunidades, que é o doce, o azeite de dendê, que já tem outros núcleos de produção também dentro do Conselho Quilombola, que trabalha com esses itens. Azeite de dendê de forma artesanal, a ostra, tanto a ostra de dúzia quanto a ostra a de quilo, a farinha de mandioca. A gente traz um elemento novo dentro do coletivo de



ENTREVISTA: “Fazendo Mundos Possíveis: Construções da Soberania Popular com a Força da Terra, com Selma Santos e Joelson Ferreira”

Bianca França, Gabriel Moreira, Joyce Delfim, Joelson Ferreira & Selma Santos

jovem, que é as ervas que a gente tem na comunidade, que serve tanto para tempero da panela, que é o famoso *tioiô*, que a gente usa tanto para chá, que é digestivo, quanto para temperar a panela, que era um tempero que os nossos ancestrais usavam. Antigamente, os nossos ancestrais não tinham o poder de estar nas feiras comprando cebola e esses outros tipos de temperos. Eram esses temperos de folha que eles temperavam suas panelas e que saíam muito bem temperada. A gente hoje usa dentro dessas comunidades para preservar. O *tioiô* é feito em pó para colocar na comida, assim como a alfavaca, o coentro da Índia. Os nossos ancestrais usavam e a gente continua usando. Esses elementos, a gente está trazendo para trabalhar com jovens. Esses produtos, a gente coloca em potes, sacos, e adiciona nossa marca, a nossa logo. Se vocês quiserem nos seguir lá no Instagram é Núcleo de Jovens Empreendedores Quilombo da Ponte⁶. A gente pretende estar com nossa lojinha virtual, lá no Instagram, para as pessoas que quiserem o nosso produto. A gente entrega, participa de feiras e mostra mesmo ao mundo esse jovem que é capaz de transformar e que é o futuro do nosso Brasil, do nosso mundo, das nossas comunidades, das nossas comunidades quilombolas. Enquanto sonhadora e idealizadora do coletivo, vejo-os. Eu hoje, antes de participar aqui dessa roda, tive uma reunião com eles. Vê-los participando a cada momento é muito gratificante mesmo. A gente está aí também em processo de formação, porque alguns ainda estão meio tímidos, sem vontade de falar, porque não tiveram ainda oportunidade de ter espaço de fala, de troca. Mais gratificante ainda é poder contribuir com eles e saber que vim de uma construção bem anterior, que é o Conselho Quilombola da Bacia e Vale do Iguape. Essa construção é uma faculdade da vida que me fez aprender e, hoje, eu posso transformar e passar para eles a importância que é a organização, a importância que é a coletividade e o empreendedorismo de forma coletiva e de forma natural, sem agrotóxico. Tudo natural, sem produto químico nenhum. É isso que nossas comunidades oferecem a esses jovens e ao mundo também. Axé para todos nós!

⁶ Ver: https://www.instagram.com/turismoquilombola_teeaciqep/. Acesso em: 31 de outubro de 2025.



ENTREVISTA: “Fazendo Mundos Possíveis: Construções da Soberania Popular com a Força da Terra, com Selma Santos e Joelson Ferreira”

Bianca França, Gabriel Moreira, Joyce Delfim, Joelson Ferreira & Selma Santos

Data de recebimento: 22/07/2025

Data de aceite: 19/09/2025

Como citar este texto de acordo com a ABNT:

FRANÇA, Bianca Zacarias; MOREIRA, Guilherme Eugênio; DELFIM, Joyce; FERREIRA, Joelson; SANTOS, Selma. Fazendo mundos possíveis: construções da soberania popular com a força da terra, com Selma Santos e Joelson Ferreira. *Áskesis*, São Carlos, v. 14, n. 2, pp. 287-311, jul./dez. 2025. DOI: 10.14244/2238-3069.2025/31.